

## **Imigrantes bolivianos em São Paulo: A Praça Kantuta e o futebol**

Ubiratan Silva Alves

A Praça Kantuta, bairro do Canindé, na cidade de São Paulo: local onde diferentes grupos de hispânicos se reúnem aos domingos para recordar, por meio de comidas típicas, músicas, futebol e barracas de artesanatos com objetos de suas terras. Especificamente nesse local, há o predomínio de bolivianos sobre as demais nacionalidades.

Nessa praça pratica-se o futebol entre os imigrantes. “Os jogadores bolivianos na Praça Kantuta têm uma organização estabelecida há dez anos e, soma-se ainda o fato de que, em todo momento, se multiplicam e se renovam os grupos de bolivianos no local tendo gerado as recentes mudanças nas relações com o novo país, visto que a chegada desses imigrantes é uma constante diária na cidade”. (p. 233).

Em 2003, a feira típica boliviana Kantuta (nome de uma flor que cresce no altiplano andino e possui as cores da bandeira da Bolívia) foi oficializada numa portaria do Diário Oficial. Aos domingo, o lugar fica tomado por barracas típicas e pela prática esportiva do futsal na quadra localizada no centro da praça, onde ocorrem os campeonatos.

Em média, duas mil pessoas visitam a Praça Kantuta a cada domingo, e 90% são bolivianos, entre nativos e descendentes que vão à praça para se encontrarem, se divertirem, degustarem comidas típicas, procurarem emprego, “paquerarem” e viverem um pouco dos costumes de seu país.

“Os bolivianos que vivem em São Paulo, cada qual com suas lentes, ao depararem com o cotidiano da vida no Brasil, fazem suas interpretações e reinterpretações dos novos destinos que ora se moldam em suas vidas. Sobreviver num outro país implica reconstruir representações sociais e se deparar aos novos processos existentes na nova sociedade”. (p. 244).

“Própria da espécie humana é a faculdade mimética para transformar e ressignificar os novos saberes adquiridos no país. No caso dos bolivianos no Brasil, tal capacidade pode ser observada pela organização do futebol na Praça Kantuta. Um olhar atento sobre esse futebol revela diversas realidades interessantes na forma moderna de

prática esportiva e de práticas culturais arraigadas no ser humano, independentemente de seus ambientes históricos específicos”. (p. 244).

As redes e o poder identificados pelos dados desta pesquisa sinalizam para uma dependência dos praticantes de futebol, os jogadores, para com os seus respectivos “delegados” (os donos dos times, por assim dizer). Tais “donos”, mesmo demonstrando aparente desconhecimento técnico da modalidade nas questões relacionadas a efetivamente dirigir a equipe durante os jogos, apresentam domínio nas ações dos jogadores, estabelecendo locais, horários e procedimentos antes, durante e depois dos jogos.

“As configurações são as relações que existem desde nas oficinas de confecções onde o funcionário muitas vezes não tem direito de optar onde vai jogar. É praticamente obrigado a jogar no time de seu patrão, o delegado, criando um compromisso dos jogadores/funcionários com o dono da confecção”. (p. 245).

A partir dos entrevistados para a pesquisa, foi possível identificar o desejo daqueles que não são “donos” de equipe de se tornarem “delegados”, buscando o status que essa posição garante, como participar das reuniões e decidir algumas questões com o poder do voto. Além disso, todos os “delegados” são donos de oficinas (de costura), o que lhes dá a possibilidade de vincular os seus trabalhadores a suas equipes e, conseqüentemente, propiciar a eles momentos de lazer.

“O futsal da praça não começa nem termina nele mesmo. Existe todo o charme envolto no antes e no depois dos jogos, quando os jogadores se encontram, trocam suas roupas cotidianas pelos uniformes dos times e, mesmo que momentaneamente, se transformam de simples cidadãos comuns em atletas de futsal admirados por uma boa quantidade de espectadores”. (p. 249).

Constatou-se na pesquisa que a prática do futsal na praça é a única atividade física praticada pelos bolivianos o que, infelizmente, os coloca num alto grau de risco, pois trabalham a semana inteira em condições ruins, alimentam-se mal, dormem mal e pouco e, ainda, aos domingos praticam futsal durante períodos longos. Na praça não há nenhum tipo de prevenção ou acompanhamento médico dos jogadores, o que aumenta o risco possível de algum problema.

**Daniel Edgardo**

